



*Destextualização e(m) íconotextos na/dá
comunicação política brasileira*

ROBERTO LEISER BARONAS

Universidade Federal de São Carlos

SIDNAY FERNANDES DOS SANTOS

Universidade do Estado da Bahia

RESUMEN. Este artículo presenta un análisis discursivo basado en el marco teórico y metodológico propuesto por Dominique Maingueneau (2008, 2010, 2014). Concibiendo nuestra propuesta dentro de una práctica intersemiótica, pensamos en las maneras en que se formulan los sentidos, puestos a circular en los medios de comunicación a partir de dibujos animados, fotomontajes y fotografías de Dilma Rousseff, y en qué medida estos sentidos se constituyen en rutas deónticas de interpretación. Desde esta perspectiva, nos apoyamos también en Baronas (2013), quien aplica la teoría de Maingueneau a los textos multimodales y se enfoca en el desapego en imágenes, ya que hay recortes de la imagen que obtienen relativa autonomía textual y se constituyen como desapegadas de su texto original. Estudiamos narrativas acerca de la relación política entre Dilma Rousseff y Luiz Inácio Lula da Silva, que circularon en blogs, revistas, periódicos impresos y en línea, en el evento “elección presidencial de Brasil en 2010”. Constatamos que uno de los modos de construir significados en la política brasileña se manifiesta por la descontextualización de los significantes en las imágenes, los cuales funcionan discursivamente para dirigir al lector hacia una ruta interpretativa deóntica.

PALABRAS CLAVE: *análisis del discurso, desapego, ruta interpretativa, imagen*

RESUMO. Este artigo apresenta uma análise discursiva fundamentada no arcabouço teórico-metodológico proposto por Dominique Maingueneau (2008, 2010, 2014). Concebendo nossa proposta no interior de uma prática intersemiótica, pensamos nos modos como os sentidos dados a circular na mídia a partir de charges, fotomontagens e fotografias de Dilma Rousseff são formulados e em que medida tais sentidos se constituem em percursos deónticos de interpretação. Nesse horizonte, apoiamos-nos também na proposta de Baronas (2013) que desloca a teoria de Maingueneau para analisar materialidades verbo-visuais e defendemos a ocorrência de destacamento em íconotextos, visto que há recortes da imagem, que adquirem relativa autonomia textual e se constituem como destacáveis de seu texto-fonte. Estudamos reportagens, charges políticas, artigos de opinião, entrevistas que trazem em narrativas a relação política entre Dilma Rousseff e Luiz Inácio Lula da Silva e que circularam em blogs, revistas, jornais impressos e online, nos entremeios do acontecimento Eleição Presidencial do Brasil no ano de 2010. Constatamos que um dos modos de construção de sentidos na comunicação política brasileira se manifesta pelo destacamento/destextualização de significantes imagéticos, os quais funcionam discursivamente no viés de direcionar o leitor para um percurso interpretativo deóntico.

PALAVRAS-CHAVE: *análise de discurso, destacamento, percurso de interpretação, imagem*

Recibido: 18 de julio de 2015 • Aceptado: 06 de septiembre de 2015.

ABSTRACT: This paper presents an analysis of the discourse of select media outlets in the 2010 Brazilian presidential elections, based on the theoretical and methodological framework proposed by Dominique Maingueneau (2008, 2010, 2014). We understand discourse as an *intersemiotic practice*. Therefore we analyze the ways in which meanings are put to circulation in the media through cartoons, photomontages and photographs, and we evaluate to what extent such meanings constitute deontic paths of interpretation. We also base our analysis on Baronas (2013), who applies Maingueneau's framework to multimodal texts, focusing on the phenomenon of iconotext detachment, given that there are image clippings that acquire relative textual autonomy and are detachable from its source text. The object of study of this article is composed by news reports, political cartoons, opinion pieces and interviews, which narrate the political relationship between Dilma Rousseff and Luiz Inacio Lula da Silva. These circulated in blogs, magazines, print and *online* versions of newspapers during the 2010 Brazilian Presidential Elections. Our findings reveal that one important mode of meaning creation in Brazilian political communication is based on detachment of image signifiers, which function discursively toward directing the reader toward a deontic interpretive path.

KEYWORDS: *discourse analysis, detachment, route of interpretation, images*

*Introdução**

Dominique Maingueneau (2007) postula que a relação interdiscursiva, em todos os seus planos enunciativos, é regulada por sistemas de restrições semânticas globais. Esclarece ainda que tais restrições não são somente destinadas a analisar ideias, mas envolvem comportamentos sócios historicamente determinados. Assim “o sistema de restrições define tanto uma relação com o corpo, com o outro... quanto com ideias é o direito e o avesso do discurso, toda uma relação imaginária com o mundo” (Maingueneau 2007:101).

Os sistemas de restrições semânticas, por sua vez, não se limitam a produções de ordem linguística, mas integra produções de diversos domínios semióticos. Maingueneau apresenta o conceito de prática intersemiótica, por entender que o “pertencimento a uma mesma prática discursiva de objetos de domínios intersemióticos diferentes exprime-se em termos de conformidade a um mesmo sistema de restrições semânticas” (Maingueneau 2007:146).

Trazemos para discussão, neste artigo, aspectos que nos permitem pensar como determinado percurso de leitura atravessa diversos domínios semióticos, marcados pelo linguístico e pelo imagético de charges, fotomontagens e fotografias publicadas no âmbito da esfera jornalística, sobretudo, no âmbito da comunicação política.¹

Essa nossa empreitada, contudo, é sobremaneira motivada pelo trabalho de Baronas (2013), que não apenas se apoia na perspectiva teórico-metodológica de Dominique Maingueneau, como ainda propõe um deslocamento desse referencial para tratar objetos distintos dos abordados pelo linguista francês, nesse caso, os íconotextos. Objetivamos, pois, compreender até que ponto a

destextualização do verbal e/ou do imagético em íconotextos² persiste numa (re)contextualização narrativa que direciona o leitor para um percurso interpretativo deôntico.³ E, com isso, buscamos refletir sobre as possibilidades e pertinência de analisar íconotextos pautados no quadro conceitual proposto por Dominique Maingueneau.

Constituímos nosso corpus em torno de textos que colocam em pauta o discurso da semelhança, ou seja, efeitos de sentidos construídos sobre a necessidade de Dilma Rousseff ser semelhante a Luiz Inácio Lula da Silva para se constituir candidata à Presidência da República do Brasil nas Eleições de 2010 e que foram publicadas em blogs, revistas e jornais impressos e online.

A seguir, apresentamos sucintamente alguns conceitos postulados por Maingueneau e, mais à frente, tratamos intersemioticamente nossas questões em análises que colocam à prova a proposta de deslocamento dos conceitos de destacamento e aforização para analisar materialidades verbo-visuais, defendida por Baronas (2013).

1. *(Des)textualização e contextualidade*

Desde o lançamento da obra de Maingueneau traduzida ao português *Cenas da enunciação* (2008) até os presentes dias, Maingueneau (2014) tem desenvolvido um quadro conceitual acerca das pequenas frases. Suas teorizações são sistematizadas e práticas de análise demonstram possibilidades promissoras de tratar os discursos, seus movimentos e flutuações de sentidos, os quais se constituem em redes interdiscursivas, mas, muitas vezes, parecem saltar fora do da textualidade que lhe dá guarida, adquirindo relativa autonomia quanto ao aspecto textual.

Maingueneau (2010: 10) diferencia duas classes de destacamento: o constitutivo, “caso dos provérbios e de todas as fórmulas sentenciosas que por natureza não possuem contexto situacional nem cotexto original” e o destacamento por extração de um fragmento de texto.

Sobre o segundo tipo de destacamento, o que ocorre pelo processo de destextualização, Maingueneau (2014: 15) propõe o termo *sobreasseveração* para denominar uma “ênfatisação em relação ao entorno textual”, que se constitui diferentemente do processo de citação. Esse trecho destacado ou sobreasseverado do texto-fonte constitui-se fortemente como um candidato à destextualização.

O autor francês advoga que a sobreasseveração e os enunciados destacados possuem estatuto pragmático distinto e propõe o termo *enunciação aforizante* para marcar as divergências entre esses processos enunciativos. A instância subjetiva de uma enunciação aforizante exerce um papel distinto da instância subjetiva de uma enunciação textualizante. Enquanto na textualização, os sujeitos partilham e negociam um dizer, na aforização não há interação entre os sujeitos colocados no mesmo plano, pois o aforizador “assume o *ethos* do

locutor que está no alto, do indivíduo autorizado, em contato com uma Fonte Transcendente. Ele é considerado como aquele que enuncia *sua* verdade, que prescinde da negociação, que exprime uma totalidade vivida” (Maingueneau 2010:14).

Pela enunciação textualizante, é possível recuperar a memória discursiva implicada em cada texto; já, pela enunciação aforizante, o processo de recuperação da memória é mais complexo, visto que, na enunciação, atualiza-se o memorável, mas de forma menos visível, ou ainda, mais opaca ou mais distante dos discursos que os precedem.

Os enunciados destacados, aforizados, destextualizados passam por contextualizações, descontextualizações e recontextualizações que se dão por decorrência de sua própria natureza aparentemente autônoma em relação à textualidade, mas, paradoxalmente inscritos e realizáveis apenas no âmbito de um texto.

Atento a tais questões, Maingueneau analisa o contexto-fonte e o contexto de recepção das aforizações, chamando a atenção para as alterações de sentido, “deformações”, “mal entendidos” que o contexto de recepção proporcionará aos enunciados aforizados. Entende o autor que tais alterações se dão

não somente porque o simples acesso de um fragmento de texto ao estatuto de aforização modifica profundamente seu estatuto pragmático, e, portanto, sua interpretação, mas também porque a recontextualização ativa potencialidades semânticas incontáveis (Maingueneau 2014:31).

Interessados principalmente pela dinâmica da destextualização e recontextualização, observamos como um dado percurso de sentido materializa-se em íconotextos na atividade jornalística, no âmbito da comunicação política.

2. *A semelhança em percurso*

Acerca da descontextualização das aforizações, Maingueneau (2010: 15) diz que a opacidade de sentido é inerente, exigindo certo trabalho de interpretação. Nessas ocorrências, a interpretação “assume a forma ‘dizendo X, o locutor implica Y’, onde Y é um enunciado genérico de valor deôntico”. Dessa forma, requer-se do leitor/ouvinte não a simples recuperação do sentido imediato, mas outro além deste.

Ademais, tais construções abrem inúmeras possibilidades para o enunciador produzir, regido pelo sistema de restrições semânticas de seu posicionamento discursivo, um percurso de sentido para o qual direciona o seu leitor.

Defendemos aqui a construção pela mídia brasileira, especialmente no âmbito da comunicação política, de um percurso deôntico de interpretação acerca da relação política entre Dilma Rousseff, candidata à Presidência da República no ano de 2010, e Luiz Inácio Lula da Silva, na ocasião, presidente. Analisamos esse percurso de sentido, tomando como base o discurso da

semelhança - no qual o antecessor político constitui-se como o paradigma a ser seguido pela candidata no processo eleitoral - materializado em reportagens e charges que mobilizamos nesta análise.

O jornal *Folha de S. Paulo* publica, no dia 04 de janeiro de 2010 (pág. A6), um texto intitulado “No palanque, Dilma mimetiza até mesmo os discursos de Lula”. Acima do título, ocupando toda a página, há um íconotexto, cuja escrita lateral “TRANSFORMAÇÃO: Da pasta de Minas e Energia até se tornar ministra-candidata” e logo abaixo aparece uma seta indicando um percurso de olhar para o leitor. À direita, cinco pequenas fotografias do rosto de Dilma Rousseff. Em quatro imagens fotográficas, a então ministra da Casa Civil está com cortes de cabelo um pouco mais longos que o cabelo apresentado na quinta foto. A última foto da sequência revela o rosto de Dilma Rousseff como está à época, início de janeiro de 2010. Após ter raspado o cabelo por conta de um câncer, a ministra, já curada, abandona a peruca que estava usando e mostra o cabelo que já cobre a sua cabeça. Abaixo das três últimas fotos há uma tarja com os seguintes dizeres: “MIMETISMO POLÍTICO Pré-candidata, Dilma se molda ao estilo de Lula”:



Figura 1. (Fonte: *Folha de S. Paulo*, 04/01/2010)

Os efeitos de sentidos decorrentes desse íconotexto tratam de mostrar a transformação pela qual a pré-candidata está passando para se construir candidata. Além da transformação física: “uma plástica remoçou o rosto, óculos de grau foram abandonados e o visual incorporou roupas de cores fortes e maquiagem marcada”, chama-se a atenção para a transformação de seu estilo/ personalidade e de seu modo de discursar. Estilo, personalidade e modos de discursar que, segundo a reportagem, precisam ser transformados com o objetivo de assemelhar a candidata a Lula e com isso capitalizar a aprovação do popular do então presidente.

Para dar veracidade à tese da busca pela semelhança entre Dilma e Lula, a instituição jornalística pede a analistas em discurso e especialista em marketing político para analisar vídeos e áudios de Dilma desde quando era Ministra de Minas e Energia. Valem-se, assim, de discursos outros para buscar legitimar o sentido em construção no texto: Dilma não tem perfil para ser candidata e espelha-se no perfil do presidente Lula para tal. Num fragmento do texto, assim diz o jornal *Folha de S. Paulo*:

A ministra, dizem eles, tenta abandonar o “estilo consultora” para falar de forma emotiva – consagrada pelo presidente. “Ela está tentando se aproximar do Lula, com mais ou menos sucesso”, avalia a doutora em linguística Eni Orlandi. O expediente, cada vez mais frequente, diz Orlandi, é criar situações como aquelas que Lula tem mais êxito: viagens em que seu público é o povo. “Quando se tem um interlocutor real, isso desencadeia elementos que ajudam a acessar uma fala mais popular” (FSP, 04/01/2010, p. A6).

No título em letras grandes, abaixo, já são construídos sentidos de que o processo mimético refere-se “até mesmo” aos discursos de Dilma, não apenas à mudança de seu estilo “consultora” para um estilo mais popular e emotivo, semelhante ao estilo de Lula. O discurso que traz a necessidade da ministra-candidata ser semelhante a Lula para ter um estilo e um perfil condizentes ao cargo que pleiteia começa a circular e essa reportagem da *Folha de S. Paulo* tem um papel importante na difusão desse discurso.

Os discursos em torno da questão de a ministra querer se parecer com o presidente Lula, circulam na mídia desde o início da campanha presidencial de 2010. Selecionamos uma charge da autoria de Amarildo, publicada em seu blog no dia 27/12/2009:

Já está parecida



Figura 2. (Disponível em <http://amarildocharge.wordpress.com/2009/12/27/ja-esta-parecida/>)

O enunciador dá a circular, por meio do gênero charge, dizeres que estão circulando na época. A informação com a qual trabalha o enunciador está em pauta enquanto memória discursiva a ser retomada em muitas instituições midiáticas. Priorizando a imagem e com poucos elementos verbais, o enunciador informa o mesmo que o enunciador da reportagem do jornal *Folha de S. Paulo*. Iconicamente, dois traços de sentido são ressaltados: o cabelo e a barba. Esses dois aspectos físicos do rosto, muito característicos do então presidente Lula, são utilizados na construção de uma cenografia que destaca a semelhança de Dilma a Lula.⁴

No mesmo dia, 27/12/2009, essa charge também é publicada no Blog *Jogo do Poder*, mas com outro título: “Dilma e Lula: criatura já começa a ganhar

as feições do criador”. Nesse midium, o enunciador, em similaridade com o posicionamento discursivo assumido pelo Blog do Amarildo e do jornal *Folha de S. Paulo*, coloca em circulação o mesmo discurso presente nos textos citados anteriormente. No nível da formulação, contudo, o enunciador altera as palavras do título, mas não altera o sentido.

Muitos caricaturistas assumiram esse discurso acerca da semelhança entre Dilma Rousseff e Lula, em circulação na época da campanha presidencial de 2010, e representaram Dilma Rousseff com barba. Vejamos mais alguns exemplos:

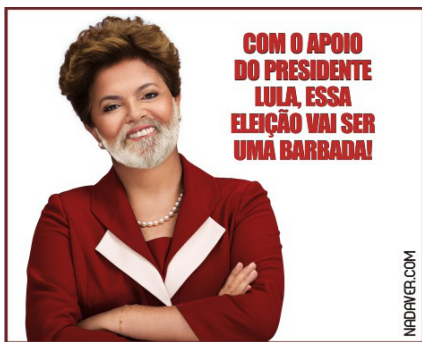


Figura 3. (Disponível em <http://www.Robsonpiresxerife.com/notas/lula-dilma-e-mais-homem-do-que-nos-dois-juntos/>)



Figura 4. (Disponível em <http://laudaamassada.blogspot.com.br/2012/09/sem-uma-oposicao-competente-dilma-finge.html>; <http://brasildacorruptao.blogspot.com.br/2010/12/dando-uma-de-diferente-pra-continuar.html>; <http://compimentanalingua.blogspot.com.br/2012/06/pt-antes-e-depois-de-governar.html>)

PETRALHAS - O criador e a criatura



Figura 5. (Disponível em: <http://novoblogdobarata.blogspot.com.br/2010/12/petralhas-o-criador-e-criatura.html>; <http://porquevotonoserra.blogspot.com.br/2010/04/lula-desvaloriza-sua-pupila.html>)



Figura 6. (Disponível em http://blogs.estadao.com.br/jornal-eldorado/marquetingu-politico/?doing_wp_cron=1367349573.5633189678192138671875)



Figura 7. (Disponível em <http://mccouto.blogspot.com.br/2010/12/e-na-mare-baixa-que-se-ve-quem-nada.html>)

Maingueneau (2014:15) aborda a ocorrência de enunciados generalizantes que condensam a tese em defesa em um dado texto como um tipo de enunciado com grandes possibilidades de ser citado. Asseveramos que a imagem da barba no rosto de Dilma Rousseff, funcionando aqui como “operador da memória social no seio da cultura”⁵ brasileira é um traço imagético que facilmente pode ser citado em textos de humor. Sua forte recorrência, manifesta em alguns textos que apresentamos, parece comprovar que iconicamente a imagem da barba representa uma destacabilidade que abre a possibilidade de destextualização.

Na figura 3, o enunciado “Com o apoio do presidente Lula, essa eleição vai ser uma barbada!” intensifica o sentido da dependência de Dilma a Lula e o termo “barbada” traz ambigüamente o sentido derrisório da fotomontagem que apresenta a imagem da barba no rosto de uma mulher, Dilma Rousseff, e o sentido de ser fácil Dilma Rousseff ser eleita por conta do apoio de Lula, que, à época, presidia um governo com alto índice de aprovação. Verbalmente, esse posicionamento discursivo parece apresentar uma contradição, pois, ao desmerecer o perfil da candidata, constrói o sentido de Lula ser bom presidente. Todavia, é o desmerecimento da candidata em questão que está sendo potencializado.

A figura 4, que localizamos em quatro textos, publicados em quatro blogs distintos, também é uma fotomontagem que apresenta o rosto de Dilma Rousseff com a presença da barba. Na verdade, corpo, cabelo e brincos são representações de Dilma Rousseff e o rosto (olhos, nariz, boca, dentes, barba), de Luiz Inácio Lula da Silva.

Na charge, que apresentamos como figura 5, todo o rosto caricaturado é de Lula, com exceção do cabelo. O corpo refere-se à figura da mulher, no caso, Dilma Rousseff. É no rosto, e não no corpo, que ocorre uma espécie de simbiose das imagens de Dilma e de Lula.

As figuras 6 e 7 também apresentam a simbiose entre imagens de Dilma e Lula. Na figura 6, há uma fotografia do rosto de Dilma, com o acréscimo da barba; já, na figura 7, barba, boca e dentes são imagens do rosto de Lula e o

restante do rosto apresenta elementos fisionômicos de Dilma. São fotomontagens construídas, a partir de fragmentos imagéticos que circulam - a barba e o cabelo principalmente - para produzirem um dado percurso interpretativo.

Os efeitos de sentido que tais construções implicam estão inscritos apenas num percurso de interpretação que trata negativamente a relação política entre Dilma e Lula, caracterizando a candidata como dependente do atual presidente e, mais ainda, como uma candidata sem marca (ou identidade) própria e, portanto, uma espécie de marionete sem competência para exercer o cargo que pleiteia.

Dentre o material que analisamos publicado antes da eleição de 2010, os fragmentos imagéticos do rosto - barba e, às vezes, cabelo - foram destextualizados de textos que trazem o traço da semelhança em questão como algo almejado por Dilma Rousseff e que esse desejo é necessário porque a candidata, por não ter histórico de atuação na política eleitoral brasileira, não tem competência para se eleger e governar sozinha. Inscritos nesse mesmo posicionamento, as imagens da barba e do cabelo circularam com bastante recorrência devido aos sentidos propostos por esses elementos visuais. E, nos novos textos de circulação, foram recontextualizados conforme a mesma linha de sentido dos textos publicados anteriormente.

Após as eleições de 2010 e a vitória de Dilma Rousseff, textos verbais e os íconotextos inscritos nesse percurso de sentido, que traz negativamente a semelhança entre Dilma Rousseff e Lula, continuaram em circulação. As imagens destacadas da barba e do cabelo fizeram-se presentes em outros contextos.

Por exemplo, no site *Com pimenta na língua*, um texto intitulado “O PT antes e depois de governar” é publicado em 11 de junho de 2012, já no segundo ano de governo de Dilma Rousseff. Após o título, a fotomontagem e o texto verbal:



PT antes da Posse de Lula:

Nosso partido cumpre o que promete.
Só os tolos podem crer que não lutaremos contra a corrupção.
Porque, se há algo certo para nós, é que a honestidade e a transparência são fundamentais para alcançar nossos ideais.
Mostraremos que é grande estupidez crer que as máfias continuarão no governo, como sempre.
Asseguramos sem dúvida que a justiça social será o alvo de nossa ação.
Apesar disso, há idiotas que imaginam que se possa governar com as manchas da velha política.
Quando assumirmos o poder, faremos tudo para que se termine com os marajás e as negociatas.
Não permitiremos de nenhum modo que nossas crianças morram de fome.
Cumpriremos nossos propósitos mesmo que os recursos econômicos do país se esgotem.
Exerceremos o poder até que
Compreendam que
Somos a nova política.
Depois da Posse (leia do fim para o começo).

Figura 8. (Disponível em <http://compimentanalingua.blogspot.com.br/2012/06/pt-antes-e-depois-de-governar.html>)

O texto verbal em forma de versos, se lido de cima para baixo, apresenta o PT antes da Posse de Lula e, de baixo para cima, apresenta o PT depois. Verbalmente, não há referência direta a Lula ou a Dilma, mas o íconotexto refere-se à relação entre ambos. A imagem, que circulou em 2010 com o sentido de Dilma Rousseff ser marionete de Lula, volta a circular em 2012, mas com um verbalismo que lhe atribui um sentido diverso: a junção dos dois atores políticos - Lula e Dilma num só corpo/rosto - significa os anos do PT no Governo: oito anos de Governo Lula e dois do Governo Dilma.

No blog *Lauda amassada* (Figura 4), a mesma imagem é utilizada juntamente com os elementos verbais “Sem uma oposição competente, Dilma finge que governa, mas não se distancia de Lula.”, publicados em 21 de setembro de 2012.

Nessa mesma página do blog, há um texto da autoria de Marco Antonio Villa “Gritos presidenciais não ocultam fracassos”, no qual diz que “[a] oposição viu em Dilma uma estadista que até romperia com Lula”, mas que “[o] sonho acabou”. E, ao estabelecer relação direta entre o ex-presidente Lula e a presidente Dilma Rousseff, escreve:

Nunca na história republicana um sucessor conversou tanto com seu antecessor. E foram muito mais que conversas. A presidente não se encontrou com Lula para simplesmente ouvir sugestões. Não, foi receber ordens, que a boa educação chamou de conselhos (<http://laudaamassada.blogspot.com.br/2012/09/sem-uma-oposicao-competente-dilma-finge.html>).

Nesse blog, o enunciador retoma um íconotexto utilizado antes e alhures e acopla aos sentidos construídos verbalmente acerca da relação de Lula e Dilma, agora ex-presidente e presidente respectivamente.

Embora a imagem tanto no blog *Com pimenta na língua* quanto no blog *Lauda amassada* seja utilizada para significar outros fatos e outros dizeres, o que permanece, em primeiro plano, é o discurso da dependência de Dilma Rousseff a Lula, veiculado desde os primeiros comentários de que Dilma Rousseff seria a candidata à Presidência da República.

Os íconotextos publicados após a eleição, que colocam em circulação a imagem do rosto de Dilma Rousseff com barba, apesar de não abordar diretamente a necessidade de ser semelhante, inscrevem-se no mesmo posicionamento discursivo dos textos anteriores. Mesmo que o significante imagético seja o mesmo, o significado é alterado, o que pode ser justificado pelo fato de o momento político ser outro.

Maingueneau (2014: 24) afirma que, por serem descontextualizados, os destacamentos tendem automaticamente a sofrerem alterações de sentido. Em nosso material de análise, deparamos com alterações de sentido, embora estas não promovam a mudança de percurso interpretativo. A ideia da dependência de Rousseff a Lula permanece. Só que os textos veiculados em 2012 não colocam em foco o tema da semelhança como requisito necessário para a candidata se eleger.

Em 2012, Dilma Rousseff é presidente do Brasil, os efeitos de sentido decorrentes não apresentam mais a perspectiva futura de que o Governo de Dilma Rousseff não será competente. Agora, no tempo presente, o Governo de Dilma Rousseff já é caracterizado negativamente. No texto do Blog *Com pimenta na língua*, o Governo Lula também é incluso nessa avaliação negativa, visto que o enunciador contempla a atuação do Partido dos Trabalhadores.

A fotomontagem que apresenta a simbiose visual das imagens de Dilma Rousseff e Lula volta a circular em 2012. A presença da imagem da barba nesses textos só faz, portanto, corroborar a existência de um percurso de sentido que vem sendo construído desde antes das eleições de 2010.

O discurso da semelhança que se materializa mais presentemente em textos humorísticos insere-se no discurso mais amplo acerca da relação de dependência de Dilma Rousseff. Relação dita na materialidade discursiva (X), que orienta uma implicação de sentido (Y). Ou seja, não se diz de imediato, exige do leitor um renhido trabalho de interpretação, conforme postulação de Maingueneau.

Esse discurso, produzido no ano de 2009, insere-se numa rede interdiscursiva que significa Dilma Rousseff como marionete de Lula, desqualificando-a como candidata. Percurso de sentido que circula após a posse de Dilma, desqualificando também enquanto presidente.

Na edição de 05 de maio de 2010, a revista *Veja* publica uma entrevista⁶ com José Eduardo Dutra, então presidente do PT. O título do texto “A cara vai ser de Dilma” já sinaliza o tema central da entrevista. O discurso outro, de um posicionamento oposto ao da instituição midiática, é citado, mas ela constrói sentidos que já direcionam o leitor a questionar o que é dito pelo outro. Antes de apresentar as perguntas e respostas propriamente ditas, o entrevistador escreve: “Questionado sobre qual marca Dilma deve buscar para não ser apenas um subproduto de Lula, Dutra pensa, coça a cabeça, olha para o chão e responde: ‘É difícil!’”.

Além do enunciado destacado da resposta de Dutra e apresentado na introdução do texto com a mudança do ponto final para o ponto de exclamação “É difícil!”, a narratividade que o enunciador de *Veja* atribui à cena reforça o sentido de que Dilma não tem identidade própria e ainda de que isso é dito pelo entrevistado. Essa resposta do entrevistado não surge isoladamente. Refere-se a uma pergunta já direcionada pelo percurso interpretativo oferecido ao leitor:

Qual deve ser a marca de Dilma para que ela não fique parecendo apenas um sub-Lula?

É difícil. A marca da campanha é continuidade com avanço. Mas transformar isso em um tema legível para o eleitor comum é difícil, terá de ser construído pelos profissionais (*Veja*, 05/05/2010, p. 23).

A instituição *Veja* destaca apenas a primeira frase, não esclarecendo que a marca da campanha de Dilma é a continuidade com avanço, mas que o difícil “é

transformar isso em um tema legível para o eleitor comum”. Ainda respondendo a essa pergunta o entrevistado diz que Lula é “um general eleitoral” e que “[i]sso é bom para nós”. Diz ainda que a “oposição adoraria que o Lula estivesse do lado deles. Tanto é que faz um esforço danado para que esqueçam o que eles disseram sobre o Lula desde o início do governo.” (*Veja* 05/05/2010, p.23).

O enunciado “É difícil!” apresenta-se como um destacamento fraco, porque o texto em sua íntegra está próximo do leitor. Mas, nem por isso, a instituição deixa de exercitar sua capacidade de alterar o sentido pelo destacamento e, assim, trazer o discurso outro para o interior das grades semânticas do mesmo.

Enunciados inscritos num posicionamento discursivo oposto, mais especificamente, relacionados ao fato de ser bom ter Lula apoiando a candidata Dilma, são publicados em *Veja*, mas ela própria acopla esses dizeres ao seu posicionamento, direcionando o leitor, ao mesmo tempo, a olhar negativamente para a relação entre Lula e Dilma e a questionar as palavras e opiniões do entrevistado. É a competência interdiscursiva da instituição, visto que ela é capaz de reconhecer o incompatível semanticamente a seu discurso e interpretá-lo nas categorias de seu próprio sistema de restrições (Maingueneau 2007).

Ademais, o gênero entrevista, com suas próprias regras, simula o desdobramento do sujeito em entrevistador e entrevistado. Porém o enunciador é um só, é a instituição. Nesse exemplo: a revista *Veja*. A seguir, veremos como a revista *IstoÉ*, governada por seu sistema de restrições, constrói seu discurso. Essa revista publica, no dia 08 de maio de 2010, uma entrevista com a candidata Dilma Rousseff. Em certos momentos, as perguntas abordam ou sugerem comparações com o presidente Lula. Em outros, questionam a relação de ambos no tempo presente e numa probabilidade futura:

ISTOÉ – A sra. é a favor ou contra a reeleição?

Dilma – Sou a favor. Acho muito importante.

ISTOÉ – A sra. cederia a possibilidade de uma reeleição para o presidente Lula, no caso de ele querer se candidatar em 2014?

Dilma – Ele já me disse para não responder a essa pergunta.

ISTOÉ – Até quando a sra. vai obedecer cegamente o que ele manda?

Dilma – Lula não exige obediências cegas.

(http://www.istoe.com.br/reportagens/71504_NOS+FIZEMOS+E+SABEMOS+COMO+CONTINUAR+A+FAZER+PARTE+1)

A instituição entrevistadora formula um discurso que conduz a entrevistada ao tema da reeleição. E, diante de sua resposta, trata negativamente a relação de Dilma e Lula. A pergunta “Até quando a sra. vai obedecer cegamente o que ele manda?” revela o posicionamento discursivo desse texto, revela a crença de que Dilma obedece cegamente a Lula. Diante desse enunciado de *IstoÉ*, os sentidos construídos direcionam o leitor a um percurso interpretativo: Dilma não só é cria do Lula, como o obedece cegamente.

No texto “Lula desvaloriza sua pupila”, publicado no blog *Porque voto no Serra* em 02 de abril de 2010, o *blogueiro* destaca a “dependência” de Dilma em relação a Lula:

Mesmo que tenha sido ele o inventor de Dilma, e que ela faça questão de exibir sua dependência a cada palavra que pronuncia, assumindo o papel de sua criatura eleitoral, Lula não se mostra satisfeito.

Ela chegou a usar 28 vezes o tratamento de “senhor” ao se referir ao presidente Lula no seu discurso de despedida do ministério, o que é um sinal de subserviência não condizente com o papel de candidata à Presidência da República.

Dilma não se preocupa em explicitar sua subalternidade em relação a Lula, e o presidente não se preocupa em liberá-la para uma atuação mais autônoma.

(<http://porquevotonoserra.blogspot.com.br/2010/04/lula-desvaloriza-sua-pupila.html>)

Esse fragmento demonstra fortemente o posicionamento discursivo assumido pela instituição, visto que Lula é caracterizado como “o inventor de Dilma” e o tratamento respeitoso utilizado por Dilma numa situação solene e protocolar é interpretado/traduzido no interior de sua grade semântica como subserviência. O sistema de restrições semânticas rege a escolha de um léxico que enquadre o sentido e, assim, o discurso outro materializa-se num processo de interincompreensão.

Dentre os íconotextos publicados no interior desse artigo de opinião, destacamos:



Figura 9



Figura 10

(Disponíveis em <http://porquevotonoserra.blogspot.com.br/2010/04/lula-desvaloriza-sua-pupila.html>)

A imagem 9 - que já citamos anteriormente e no interior de outra publicação - e a imagem 10 reforçam o sentido em construção nesse texto. A imagem 10 apresenta por montagem Dilma Rousseff fisicamente desengonçada e pesada demais para o presidente Lula, visto que a água está cobrindo quase totalmente sua cabeça.

Percebemos, pela proeminência de discursos que circularam sobre a necessidade de Dilma Rousseff se assemelhar a Lula para ser candidata, que o elemento semântico /Semelhança/, em oposição ao elemento /Diferença/ ou /

Identidade própria/, materializa-se no interior de um percurso de sentido que desqualifica o ator político Dilma Rousseff.

3. *Considerações semifinais*

Propomos, com este estudo, analisar até que ponto a destextualização de elementos imagéticos em íconotextos podem se inscrever no interior de um percurso interpretativo deôntico. Baronas (2013: 111-112) defende a possibilidade de expandir a proposta de Maingueneau acerca da enunciação aforizante, por entender que as aforizações “destacadas por um processo de extração podem figurar tanto na ordem do verbal (títulos, intertítulos, etc.) quanto do visual (imagens) e do íconotexto (imagens, títulos, intertítulos, etc.)”.

Corroborando com o que diz o autor brasileiro, nossa análise demonstra que o destacamento pode ocorrer também por extração de elementos visuais e verbo-visuais. Em nível conclusivo, o que realmente destextualiza e circula? Apontamos neste estudo que são os significantes imagéticos: barba, em maior ocorrência, e cabelo. E circula justamente por fazerem parte de um alhures, de um já-dito qual seja de uma das características mais marcantes do então presidente Lula: a sua identificação com a grande maioria do povo brasileiro, representada pela barba e pelo corte de cabelo.

Não só porque destextualizam e circulam, mas principalmente porque retomam a memória de Dilma Rousseff nunca ter sido candidata antes das eleições de 2010, as imagens da barba e do cabelo masculino podem se aproximar de um regime aforizante. Maingueneau (2014: 28) destaca que a enunciação aforizante se dá como memorável e memorizável e concretiza-se na expressão de uma convicção, de uma tese, de uma afirmação.

No nosso caso, a orientação de sentido é direcionada para a convicção: Dilma Rousseff não tem história na política. E, assim, os efeitos de sentido produzidos trazem à tona a necessidade de Dilma Rousseff ser semelhante a Luís Inácio Lula da Silva para conseguir ser eleita presidenta do Brasil. Ao dizer isso (X), o locutor implica Y (a dependência de Dilma Rousseff em relação a Lula), que se constitui num enunciado genérico de valor deôntico: Dilma Rousseff não está preparada para governar o país, Dilma Rousseff não tem marca própria. Os leitores dos textos que analisamos são interpelados por esse percurso interpretativo deôntico que desqualifica Dilma Rousseff, asseverando a sua não competência enquanto postulante ao cargo de presidenta do Brasil. Para adquirir tal competência ela tem de se *mascululinizar* incorporando traços do então presidente Lula.

NOTAS

- * Este trabalho faz parte das atividades de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas no Laboratório de Estudos Epistemológicos e de Discursividades Multimodais – LEDiM-UFSCar/CNPq - <http://www.lettras.ufscar.br/linguagem/leedim/>. O

LEEDiM conta com apoio do CNPq, processo nº 480148/2011-2 e está organizado em torno de dois grandes programas de pesquisa. No primeiro, objetiva-se discutir inicialmente, os deslocamentos epistemológicos e metodológicos produzidos por autores brasileiros e franceses no domínio da Análise do Discurso de orientação francesa do final dos anos oitenta até os dias atuais; num segundo momento, verifica-se em que medida esses deslocamentos epistemológicos e metodológicos podem ser aplicados a diferentes *corpora* de diferentes geografias e, por último, faz-se uma descrição/interpretação da escrita da história linguageira dos conceitos da Análise do Discurso de orientação francesa tanto na geografia francesa quanto na brasileira. No segundo, busca-se compreender o modo como os mais diversos suportes midiáticos por meio de textos e íconotextos constroem uma escrita da história de campanhas presidenciais brasileiras bastante distinta da história oficial veiculada nos editoriais, nos artigos de opinião, nas análises políticas, por exemplo. Elege-se como *corpus* de análise textos e íconotextos: fotografias derrisórias, fotomontagens, charges impressas, charges eletrônicas, caricaturas políticas e, textos sobre o anedotário político brasileiro, veiculados por jornais, sites e revistas brasileiras de grande circulação nacional durante os primeiros e segundos turnos das campanhas presidenciais brasileiras de 1998, 2002, 2006; 2010 e 2014. A Análise do Discurso de orientação francesa, na sua tendência enunciativa, em diálogo com os estudos da Nova História e da Semiótica Social são as perspectivas teórico-metodológicas que sustentam os programas de pesquisa do LEEDiM. O LEEDiM congrega pesquisadores de diversas Universidades Públicas Brasileiras tais como a Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, a Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, a Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT - e a Universidade Estadual da Bahia - UNEB.

- 1 No nosso entendimento para além do caráter persuasivo em que um locutor tenta convencer seus destinatários da pertinência e relevância de sua proposição, levando-os a aderir aos seus postulados e, sobretudo, dadas as especificidades discursivas da comunicação política, essa prática de linguagem deveria ser pensada à luz de Krieg-Planque (2006, 2009 e 2011) como “um conjunto de saberes e habilidades relativos à antecipação de práticas de retomada, de transformação e de reformulação de enunciados e de seus conteúdos”, que ao entrarem em circulação no espaço público, pautam os mais diferentes tipos de debate político.
- 2 Com bons “ladrões de palavras” tomamos de empréstimo essa designação de Maingueneau (2014). Neste texto não empreendemos nenhuma reflexão mais teórica acerca desse conceito. Apenas compartilhamos com Maingueneau a idéia de que os “íconotextos” associam texto e imagem.
- 3 Para Carrascosi (2003: 322), há duas categorias básicas de modalidades de expressão: a deontica e a epistêmica. A modalidade epistêmica situa-se no eixo do conhecimento, diz respeito “à atitude do falante em relação ao conteúdo”. A deontica, por sua vez, “situa-se no eixo da conduta e expressa valores como permissão, obrigação, habilidade, e também possibilidade e necessidade”. Maingueneau (2010: 15) traz o conceito de valor deontico no sentido de direcionar o leitor para uma determinada conduta. E isso num trabalho de interpretação que exige do leitor atribuir a um “enunciado aparentemente trivial um sentido que vai além de seu sentido imediato.

- A interpretação assume a forma ‘dizendo X, o locutor implica Y’, onde Y é um enunciado genérico de valor deôntico”.
- 4 Pode-se ler também por essa cenografia a presença de um discurso de masculinização da imagem do rosto feminino. Mas esse não é nosso propósito nesta pesquisa.
 - 5 Segundo Jean Davallon (1999: 23) “se a imagem define posições de leitor abstrato que o espectador concreto é convidado a vir a ocupar a fim de poder dar sentido ao que ele tem sob os olhos, isso vai permitir criar, de uma certa maneira, uma comunidade, um acordo – de olhares: tudo se passa como se a imagem colocasse no horizonte de sua percepção a presença de outros espectadores possíveis tendo o mesmo ponto de vista”.
 - 6 Embora priorizemos os íconotextos, recorremos, em muitos acontecimentos, a textos verbais que não trazem a imagem de Dilma, justamente porque reforçam e confirmam os percursos interpretativos que defendemos nesta investigação.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARONAS, R. L. 2013. *Enunciação aforizante: um estudo discursivo sobre pequenas frases na imprensa cotidiana brasileira*. São Carlos: EdUFSCar/FAPESP.
- CARRASCOSSI, C.N.S. 2003. [Disponível em <http://www.celsul.org.br/Encontros/05/pdf/042.pdf>.] A interpretação de enunciados modalizados por verbos modais. *Anais do 5 Encontro do Celsul*. Curitiba/PR.
- DAVALLON, J. 1999. A imagem, uma arte de memória. In P. Achard (org.). *O papel da memória*, pp. 23-37. Campinas, SP: Pontes.
- KRIEG-PLANQUE, A. 2006. *Purification ethnique: une formule et son histoire*. Paris: CNRS Éditions.
- KRIEG-PLANQUE, A. 2009. [Disponível em www.letras.ufscar.br/linguagem]. Por uma análise discursiva da comunicação: a comunicação como antecipação de práticas de retomada e de transformação dos enunciados. *Revista de Popularização Científica em Ciências da Linguagem – Linguasagem* 16.
- KRIEG-PLANQUE, A. 2011. Les “petites phrases”: un objet pour l’analyse des discours politiques e mediatiques. *Communication & Langages: signes, objets et pratiques* 168/junho.
- MAINGUENEAU, D. 2007. *Gênese dos discursos*. Curitiba: Criar.
- MAINGUENEAU, D. 2008. *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola Editorial.
- MAINGUENEAU, D. 2010. *Doze conceitos em análise do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial.
- MAINGUENEAU, D. 2014. *Frases sem texto*. São Paulo: Parábola Editorial.

ROBERTO LEISER BARONAS é professor de linguística na Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. É doutor em linguística e língua portuguesa pela Universidade Estadual Paulista – UNESP – Câmpus de Araraquara – Araraquara – SP e Pesquisador do CNPq, nível 02. Atualmente coordena o Laboratório de Estudos Epistemológicos e de Discursividades Multimodais – LEEDiM/ CNPq da UFSCar – www.letras.ufscar.br/linguagem/leedim/. É também o

atual editor da Revista da Associação Brasileira de Linguística – ABRALIN.
Correo electrónico: baronas@ufscar.br

SIDNAY FERNANDES DOS SANTOS é professora de Língua Portuguesa da Universidade do Estado da Bahia – Campus VI. É doutora e mestre em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. É professora pesquisadora (CNPq) dos grupos de pesquisa Cultura, Sociedade e Linguagem (GPCSL) e Discurso, Cultura e Educação (DISCULTE) e membro do Laboratório de Estudos Epistemológicos e Discursividades Multimodais (LEEDIM). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Análise do Discurso de orientação francesa.

Correo electrónico: sidnayfernandes@hotmail.com